

O contributo da Cartografia Temática para a difusão do Turismo em Portugal: exemplos e apontamentos de leitura

Luís Paulo Martins | Helder Marques | Mário Gonçalves Fernandes

*Apresentado no VI SLBCH, Porto e Braga, 2015 **

RESUMO

Entre o último quartel de oitocentos e o fim da década de 20 século passado, Portugal assistiu a transformações profundas nas acessibilidades, no tecido social ou nas práticas das populações. Além disso a instrução pública, a popularização do conhecimento ou o consubstanciar da identidade nacionais alteraram profundamente a relação dos portugueses com o território. O encurtar do país, as viagens e as preocupações com o progresso passaram a integrar as referências de amplos segmentos das populações muito em particular de início do século XX.

A publicação de cartografia diversa sobre Portugal, disponível no catálogo digital da biblioteca Nacional, mostra a visibilidade destes documentos e a utilidade no apoio à circulação em Portugal, por velocípede, automóvel ou comboio, incorporizando as mudanças em curso. Acresce que os documentos cartográficos, apesar da especialização que exigem, são publicados por distintos editores sendo escassos os pontos de contacto identificáveis. O processo de aumento da literacia cartográfica que estas cartas testemunham culmina na publicação e distribuição da Carta de Portugal pelo jornal o Século, em 1909.

A publicação das cartas de Portugal, em simultâneo, está associada a movimentos com enorme significado na difusão dos novos veículos, no aumento da velocidade nas deslocações, na penetração social destas inovações e na expansão das viagens nomeadamente como forma de propagandear as belezas nacionais, o motivo por excelência para o crescimento do turismo português.

ABSTRACT

Between the last quarter of XIX century and the end of second decade of last century, Portugal saw profound transformations in accessibilities, in social tissue or in population's practices. In another way public instruction, popularization of knowledge or the formation of national identity, changed profoundly the relation between the Portuguese's and theirs territory. The shrinking of the country, the trips and the preoccupations with progress, become part of the references of large segments of the population most

particularly in the early twentieth century.

The publication of varied cartography about Portugal, in the digital catalogue of National Library, shows the visibility of these documents and the utility in support of circulation in Portugal by bicycle, auto-mobile or train. Furthermore, the cartographic documents, despite they require specialized knowledge, are published by different publishers and there are few contact points identifiable. The process of increasing the cartographic literacy that these letters testify culminates in the publication and distribution of the letter of Portugal by the newspaper "O Século", in 1909.

At the same time the publication of the maps of Portugal is associated with actions with enormous significance in the diffusion of new vehicles, increased speed on travel, social diffusion of these innovations and travel particularly as a way to publicize national beauties, the main motive to Portuguese tourism.

O texto apresentado pretende, no essencial, mostrar a estreita relação entre a produção cartográfica, o conhecimento do país e o esforço pelo desenvolvimento, que permite apelar à entrada de visitantes, e por maioria de razão ao turismo como instrumento de abertura de Portugal ao exterior. A produção e a difusão de cartografia de modo massificado nos inícios do século XX traduz, igualmente, a assunção de novas preocupações com o todo nacional sublinhando "personalidade" e virtudes que, em linhas gerais, sobreviveram até à atualidade. De qualquer forma regista-se em Portugal uma contradição persistente na medida em que, apesar de serem identificáveis períodos de enorme fulgor e dinâmica de transformação social, cultural ou territorial, as grandes questões permanecem por resolver.

Ao mergulhar no passado são identificáveis períodos nos quais a vontade de mudança fica evidente tanto nas iniciativas relatadas como no conteúdo dos textos produzidos ao serviço do interesse do país. Entre o último quartel de oitocentos e o fim da década de 20 do século passado, encontramos um desses períodos durante o qual Portugal assistiu a transformações profundas na mobilidade interna, na organização social, na distribuição da população ou na base económica. Ainda assim, quando lemos alguns dos mais insignes personagens fica-se com a sensação que, apesar da transformação modernizadora, não há forma de resolver os nossos crónicos problemas e uma entrevista à "ilustração portuguesa" ou um discurso num encontro político dos primeiros anos do século XX podem ter o mesmo significado e a mesma amplitude dos congéneres atuais.

UM TERRITÓRIO E UMA SOCIEDADE EM RECOMPOSIÇÃO

Durante a segunda metade do século XIX o país foi sujeito a uma pro-

funda redefinição das acessibilidades, nomeadamente pela construção do essencial da rede de caminho-de-ferro, pela construção da rede de estradas (reais, distritais e municipais) e pelas obras de melhoramentos portuários, tornando-se um país mais curto, nomeadamente no litoral. Simultaneamente, houve um reforço das infraestruturas de comunicação de apoio à navegação, nomeadamente dos faróis, de comunicação pelo telégrafo ou pelos correios. O país tornou-se também bem mais seguro permitindo garantir deslocções sem sobressaltos na proteção da revolução técnica e da velocidade.

O processo de industrialização sobretudo polarizado pelas duas principais cidades e que atraiu muitos migrantes rurais, recompôs igualmente o tecido social. Uma pequena burguesia urbana ligada ao balcão, às atividades alfandegárias ou à administração pública, lê agora jornais e segue as novelas e folhetins desde Camilo, a Dumas ou Conan Doyle. Além disso a estruturação dos sindicatos, ou de uma certa elite operária, cujo papel ultrapassou largamente a mera reivindicação de melhores salários e condições de trabalho, contribuiu, paralelamente ao Estado, a instrução pública, até como forma de consubstanciar a igualdade de oportunidades e, sobretudo, de formação plena da cidadania, o que também passou pela popularização dita “democratizante” do conhecimento/reconhecimento do país, outrora, nomeadamente no Antigo Regime, reserva da aristocracia ou dos altos quadros da administração pública.

Enfim, entre meados de oitocentos e, pode dizer-se, o fim da década de 20 do século passado, assistiu-se a transformações profundas na mobilidade interna, na organização social, na distribuição da população e na base económica.

UM PAÍS A CONHECER E A VALORIZAR

Nascer e morrer sem ter saído do bairro urbano de residência passa agora por atavismo e as viagens deixam de ser meramente oníricas para se tornarem factuais. O comboio invade o país profundo, desconhecido, multiplicando as oportunidades de comunicação entre a capital e o Portugal a descobrir.

As transformações registadas, que integram a valorização do turismo português, assentam, no que é essencial, na dimensão patriótica, no enaltecimento das «belezas» do país e na valorização das tradições, componentes especialmente significativas desde finais do século XIX até aos primeiros anos do século XX. O reacender do patriotismo é vertido em textos literários que seguem a fórmula do romance histórico, emergindo os heróis que deram a vida pela pátria, assim como é perpetuada a memória plasmada em monumentos pétreos ou na azulejaria que invade quase tudo, das residências burguesas às estações do caminho-de-ferro, inclusivamente.

A classificação de monumentos nacionais a partir da primeira década do século XX, depois de um longo debate preparatório em grande medida impulsionado pelos princípios enunciados por Alexandre Herculano, constitui uma parte deste processo com especial significado na identificação dos monumentos mais significantes, da Torre de Belém ao Castelo de Guimarães.

A atração pela contemplação do pinturesco/pitoresco, feito da pretensa intrínseca beleza das paisagens portuguesas, permitiu divulgar lugares idílicos entre as terras mais ou menos desconhecidas, mais ou menos contrastantes, talvez e sobretudo a partir da perspectiva que a capital proporciona, de um Portugal a descobrir. Todas essas paisagens assumem uma feição estética distinta e todas consubstanciam uma forte carga simbólica que transcresce da diversidade para a unidade da nação. A planura alentejana pardacenta, o vigor granítico das serras da Estrela e do Gerês, o verde pujante e exuberante do Minho, a magnitude telúrica do Douro vinhateiro, são parte integrante de uma só coisa. As regiões deste Portugal evidenciam contrastes simultaneamente tão distintivos - porque somos e nos queremos diferentes - e tão identificados com o todo nacional - porque afinal só existimos como coletivo - num conjunto de quadros irrepetíveis perdidos na monotonia de caminhos inseguros que agora as novas vias e os novos meios de transporte dão a conhecer.

A valorização do saber popular, das vetustas alfaias à arte que se plasma nos motivos decorativos, passando pelo reavivar de contos e lendas ancestrais, porque a identidade de uma nação, assim o prescreveu o romantismo, se perscruta nas tradições e memórias populares enquanto repositório identitário. Os estudos desenvolvidos na transição do século XIX para o século XX atestam-no, a exemplo dos realizados por Theophilo Braga sobre contos tradicionais¹, como se pode ler no prefácio do "Cancioneiro de musicas populares":

«Vê-se como estes aspectos da Vida são um documento científico para penetrar o genio dos povos, Hoje mais do que nunca, convém a Portugal estes estudos; porque na decadência que por toda a parte nos ameaça, a revivescencia do genio nacional depende da vitalidade da sua tradição»².

¹ Theophilo Braga (19--). Contos tradicionaes do povo portuguez : com um estudo sobre a novellistica geral e notas comparativas. Porto: Livr. Universal. 2 vol.

² Cesar A. das Neves; Gualdino de Campos (1893). Cancioneiro de musicas populares contendo letra e musica de canções, serenatas, chulas, danças, descantes, cantigas dos campos e das ruas, fados, romances, hymnos nacionaes, cantos patrioticos, canticos religiosos de origem popular, canticos liturgicos popularisados, canções polítticas, cantilenas, cantos marítimos, etc. e cançonetas estrangeiras vulgarizadas em Portugal. Collecção recolhida e escrupulosamente trasladada para canto e piano por Cesar A. das Neves; coordenada a parte poetica por Gualdino de Campos; prefaciado pelo Exmo Sr. Dr. Theophilo Braga. V. 1, fasc. 1 (1893)-V. 3, fasc. n. 75 (1899). - Porto: Typographia Occidental, 1893.

UM TERRITÓRIO A REPRESENTAR

Com o incremento do interesse pelo território, no dealbar da implantação dos alicerces do turismo nacional, a produção de cartografia de apoio à circulação automóvel, velocipédica ou ferroviária constituiu um contributo essencial. Esta produção cartográfica encontra o seu arquétipo na linha definida por Barros Gomes nas «Cartas Elementares de Portugal para uso das escolas» «destinadas a attrahir efficazmente a attenção para as condições physicas e sociaes realmente mais notáveis da nossa terra...»³, ainda que acrescente novas preocupações e fundamentalmente traduza uma nova linguagem de comunicação.

A "Carta Chorographica de Portugal" do engenheiro José A. F. de Madureira Beça, editada em 1901 com os Distritos e Concelhos do Continente, constitui a base cartográfica mais profusamente utilizada na vasta panóplia de mapas e roteiros que a partir de 1905 começam a ser publicados. Na segunda metade do século XIX a cartografia temática sofreu um significativo incremento, decorrendo quer da publicação das 37 folhas da Carta Corographica do Reino, na escala 1:100.000, iniciada por Filipe Folque em 1856 e terminada em 1904, quer da divulgação da Carta Geographica de Portugal, na escala 1:500.000, publicada em 1865 pelo Instituto Geographico. A Carta Geographica de Portugal, elaborada com recurso a técnicas avançadas e precisas, serviu de base à elaboração de diversos outros documentos de cartografia temática - a exemplo da referida carta do engenheiro José A. F. de Madureira Beça, de 1901 - constituindo, simultaneamente, o suporte à difusão da imagem e do conhecimento do país como um todo.

Tendo como fontes alguns dos documentos disponíveis no acervo da Biblioteca Nacional de Lisboa, foram publicadas cartas com informação para utilizadores do caminho-de-ferro, para velocipedistas e/ou automobilistas. Foram ainda publicadas cartas como complemento de jornais e revistas com ampla difusão na época, o que parece atestar a importância que estes documentos adquirem entre a população às portas da implantação da República. A Carta Corographica de Portugal constitui um documento de ampla divulgação orientado para um público vasto sendo assim diferente nos objetivos de outras cartas de cariz mais técnico, com outras finalidades e necessariamente outro detalhe a exemplo da Carta Corográfica do Reino, na escala de 1:100.000. Aquela, para além da informação administrativa inclui, igualmente, referências ao "estado da rede ferro viária e das estradas ordinárias" que atingem, no arranque do século, uma apreciável extensão.

³ Do Prefácio das «Cartas Elementares de Portugal para uso das escolas» por Bernardino Barros Gomes (1878).

AS CARTAS DISPONÍVEIS NA BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL

A corrida ao digital alterou profundamente a relação entre investigadores e os documentos de referência utilizáveis. Este «lugar comum» pretende destacar tão só a oportunidade em visitar bibliografia ou cartografia, permitindo o acesso em primeira mão a documentos de conhecimento restrito. A consulta destas fontes mais facilmente valida os estudos realizados e permitirá novos impulsos em diferentes domínios de investigação. As oportunidades abertas com o franquear do acesso deverá torna-se tão mais interessante quanto maior a diversidade de perspectivas traçadas sobre os documentos divulgados.

O interesse por documentos da colecção digital da Biblioteca Nacional de Portugal revelado com a apresentação deste texto não se esgota nesta breve resenha, apenas dá continuidade a diferentes interesses de investigação que animam os autores e neste contexto se mostraram convergentes.

Quadro 1. Cartas digitalizadas da colecção da BN de Portugal (1901-1909)

| Título | Desenho/gravação/autoria | Ano |
|--|---|------------|
| Carta Chorographica de Portugal | Beça, José A. F. de Madureira; grav. Martins, Alves e Egreja | 1901 |
| Carta de Portugal contendo as estradas de Macadam e caminhos-de-ferro | Loureiro, Henrique; Marinho, Pires; União Velocipédica | 1905 |
| Mappa das estações em 31 de Dezembro de 1905 | Real Instituto de Socorros a Náufragos Portugal | 1905 |
| Mappa de Portugal para o automobilismo | Egreja, Manuel | 1905 |
| Itinerario para automoveis e cyclistas: Lisboa, Santarem, Porto de Moz, Batalha e Leiria | Castro, J.; Sociedade Portuguesa de Automóveis, ed. com.; Tipografia do Anuário Comercial | 1906 |
| Carta de Portugal com a rede das estradas construídas até Maio de 1909 e com a divisão administrativa DECRETADA ATÉ 1900 | Portugal. Direcção Geral dos Trabalhos Geodésicos e Topográficos | 1907 |
| Carta de Portugal com a rede ferroviária : principais termas e partes interessantes a visitar | Pereira, Tavares | 1907 |
| Mappa excursionista de Portugal | Sociedade de Propaganda de Portugal | 1907 |
| Carta das estancias thermo-minerais de Portugal | Pereira, Tavares | 1908 |
| Mappa de Portugal | O Século | 1909 |

A publicação, entre 1901 e 1909, do conjunto identificado de cartas, decorre essencialmente da necessidade de informação sobre o comboio, o automóvel ou a bicicleta, à medida que avançavam as infraestruturas ferroviárias e rodoviárias. Corresponde a um período de produção massificada de cartografia que chega a um público alargado de residentes e visitantes através dos meios de difusão existentes. Rompendo com o conhecimento exclusivo dos militares e de alguns especialistas, o início de século corresponde a um período de identificação do país como um todo tanto a partir da capital e das visões mais eruditas como de grupos organizados que em excursões ou a título individual vão alargando o conhecimento do país. Essa procura de conhecimento e de informação sobre Portugal traduz preocupações de desenvolvimento que transcendem a classe dirigente, passando a envolver figuras de referência da intelectualidade nacional. Os grandes propósitos de início do século XX, passavam por desenvolver o país enquanto era fortalecida a identidade pátria. O conhecimento do país tanto pela representação cartográfica como pela visita, através da expansão do turismo, constituíam instrumentos essenciais da ideia de progresso reflectindo o encurtar do país tanto porque se chega mais facilmente à capital como porque a capital carece de mais e melhor informação sobre a “província”.

AS INSTITUIÇÕES, OS EDITORES E OS GRAVADORES

Entre as cartas publicadas e disponíveis no acervo digital da Biblioteca Nacional o principal denominador comum passa pela escolha da escala 1:2.000.000 para a maioria dos documentos publicados. Em sentido contrário evidencia-se uma grande dificuldade na uniformização da informação, tanto pela diversidade dos elementos referenciados como pelas omissões registadas.

Num conjunto relativamente restrito de cartas regista-se uma grande diversidade de informação sobre as instituições e os profissionais associados às publicações disponíveis no arquivo digital da biblioteca nacional. A informação recolhida e organizada, no quadro dois, corresponde a elementos muito variados a exemplo de coordenação e autoria, gravação e desenho, editor, publicação e escala. Nos dados disponíveis torna-se evidente uma grande diversidade de coordenadores, editores e promotores da publicação de cada um dos documentos. Apenas no plano da gravação existem pontos de contacto entre cartas através de Manuel Egreja e Tavares Pereira, ambos envolvidos na gravação e desenho de um número significativo de documentos, de acordo com a informação disponível no catálogo da biblioteca nacional.

Quadro 2. Elementos sobre a coleção de cartas digitalizadas da BN de Portugal (1901-1909)

| Ano | Coordenação / Autoria | Gravação / Desenho | Editor | Publicação | Escala |
|------|--|-------------------------|--------------------|-------------------------------|-------------|
| 1901 | José A. F. de Mardureira Beça | Martins, Alves e Egreja | Manuel Gomes | - | 1:500.000 |
| 1905 | - | M. Egreja grv. | - | Colonial Oil Company | 1:1.000.000 |
| 1905 | Henrique Loureiro | José Pires Marinho | - | União Velocipédica Portuguesa | 1:2.000.000 |
| 1905 | Real Instituto de Socorros a Náufragos | - | - | Ca Nac. Editora | 1:2.100.000 |
| 1907 | - | - | Lith. De Portugal | SPP | 1:2.000.000 |
| 1907 | - | Tavares Pereira | - | - | 1:2.000.000 |
| 1908 | - | Tavares Pereira | - | - | 1:2.000.000 |
| 1909 | - | - | A Editora - Lisboa | Século | 1:500.000 |

REVOLUÇÃO DOS TRANSPORTES

Uma das principais senão a principal faceta da mudança na transição do século XIX para o XX passou pela profunda mudança nas acessibilidades através do comboio, primeiro, e do automóvel, depois. A revolução dos transportes que teve lugar permitiu conhecer um país que permanecia ignorado da maior parte dos portugueses em especial da intelectualidade nacional. Depois dos principais centros terem recebido o comboio, o automóvel foi responsável por permitir conhecer os interstícios de um país com muitas belezas naturais, com “pontos de interesse a visitar” ou “lugares que merecem ser visitados”, de acordo com os diferentes conteúdos das cartas publicadas.

Entre os meios de transporte a bicicleta granjeou igualmente inúmeros adeptos permitindo ao país velocipedista entrar em ebulição. Com a difusão da bicicleta surgiram as primeiras publicações periódicas e os espaços dedicados à novidade velocipédica, a exemplo de "O Velocipedista", fundado no Porto em Março de 1893, da abertura do Velódromo Rainha D. Amélia nas "traseiras do Palácio dos Carrancas" no Porto ou, ainda, da previsão de lugar para “patinagem e pista velocipédica” nos projectos da Rua dos Banhos que visavam potenciar o aproveitamento balnear da Póvoa de Varzim de finais do século XIX⁴.

⁴Mário G. Fernandes, 2005, p. 132.

Daí, basta uma curta pedalada até à publicação, em 1905, da "Carta de Portugal contendo as estradas de Macadam e caminhos-de-ferro" "... para comemorar o 6º aniversário da fundação da União Velocipédica Portuguesa", com ampla informação sobre as estradas secundárias transitáveis. A rápida penetração da bicicleta em grande medida terá sido impulsionada pelas competições realizadas desde as últimas décadas do século XIX até aos percursos e às ligações pioneiras de "aventureiros" ao longo do país ou de Lisboa a Paris.

A carta da "Colonial Oil Company" traduz outra dimensão do fulgor que percorria a sociedade portuguesa. Importadora e distribuidora de gasolina, a empresa patrocina a publicação da carta numa altura em que o automóvel e, de um modo geral, a revolução tecnológica avança chegando aos mais recônditos e interessantes lugares de Portugal, deslumbrando aqueles que conheciam tão só as maravilhas do estrangeiro e desconheciam o país profundo, do Gerês à Madeira.

DESENVOLVIMENTO E PROPAGANDA DE PORTUGAL

O turismo nas palavras de Leonildo de Mendonça e Costa constituía no início do século XX uma poderosa alavanca para o desenvolvimento do país. Atrair visitantes a Lisboa ou ao resto de Portugal, provenientes da Europa ou da América do Sul, seria uma forma adequada de criar as estruturas e os equipamentos de acolhimento e sobretudo as condições para dar a conhecer um país por descobrir.

O discurso da Sociedade Propaganda de Portugal incidia tanto na formação hoteleira como, sobretudo, na divulgação de documentos que dessem a conhecer de forma circunstanciada as características do país, em particular o país servido pela rede de caminho-de-ferro. Assim, o "Mappa excursionista de Portugal" foi um dos instrumentos dessa propaganda dando a conhecer lugares a visitar e discriminando praias e termas. Difundido nos comboios e estações de caminhos-de-ferro tinha como objetivo principal orientar o visitante na descoberta de Portugal.

Foi um período que corresponde igualmente ao surgimento de grandes hotéis por todo o país, nas cidades, nas praias e nas termas, assim como, de forma particularmente simbólica, uma fase de consolidação da identidade pátria, consubstanciada, entre outras formas, no levantamento e classificação dos principais monumentos nacionais.

As cartas que centraram a nossa atenção são, assim, quer o resultado do aprimoramento técnico, da vontade de identificar e de dar a conhecer um país, com gentes e história, que se desagrega perante as fracturas políticas e os atavismos ancestrais, como são símbolos da modernidade que se introduzia nos mais diferentes domínios de actividade. São a representação de um

país que se encurtava, de modo até então impensável, com a vertigem da velocidade, que impulsiona para o conhecimento e a divulgação de Portugal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOLETIM DA SOCIEDADE PROPAGANDA DE PORTUGAL (1907-1913). Lisboa. S.P.P..
- BRAGA, Theophilo (sd). Contos tradicionaes do povo portuguez: com um estudo sobre a novellistica geral e notas comparativas. Porto: Livr. Universal. 2 vol. url: <http://purl.pt/230/4>
- FERNANDES, M. G. (2005). Urbanismo e Morfologia Urbana no Norte de Portugal. Viana do Castelo, Póvoa de Varzim, Guimarães, Vila Real, Chaves e Bragança entre 1852 e 1926. Porto, FAUP Publicações.
- GOMES, Bernardino Barros (1878). Cartas elementares de Portugal para uso das escolas. Lisboa, Lallement Frères Typ. url: <http://purl.pt/760>
- «Ilustração portuguesa» (1903-1924). url: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/IlustracaoPort/IlustracaoPortuguesa.htm>
- MARTINS, Luís Paulo; FERNANDES, Mário G. (2013). "Cartografia, progresso e turismo: apontamentos sobre o "Mappa Excursionista de Portugal" de 1907". V Simposio Luso Brasileiro de Cartografia Histórica, Petrópolis, Brasil.
- NEVES, Cesar A. das; CAMPOS, Gualdino de (1893). *Cancioneiro de musicas populares*. Collecção recolhida e escrupulosamente trasladada para canto e piano por Cesar A. das Neves; coordenada a parte poetica por Gualdino de Campos; prefaciado pelo Exmo Sr. Dr. Theophilo Braga. V. 1, fasc. 1 (1893)-V. 3, fasc. n. 75 (1899). - Porto : Typographia Occidental, 1893. url: <http://purl.pt/742/4>

CARTOGRAFIA

- Beça, José A. F. de Madureira; grav. Martins, Alves e Egreja (1901). Carta chorographica de Portugal. url: <http://purl.pt/22847/2/>
- Loureiro, Henrique; Marinho, Pires; União Velocipédica (1905). Carta de Portugal contendo as estradas de Macadam e caminhos-de-ferro. url: <http://purl.pt/22123>
- Real Instituto de Socorros a Náúfragos Portugal (1905). Mappa das estações em 31 de Dezembro de 1905. url: <http://purl.pt/22599/2/>
- Egreja, Manuel (1905). Mappa de Portugal para o automobilismo. url: <http://purl.pt/21978/2/>
- Castro, J.; Sociedade Portuguesa de Automóveis, ed. com.; Tipografia do Anuário Comercial (1906). Itinerario para automoveis e cyclistas: Lisboa, Santarem, Porto de Moz, Batalha e Leiria. url: <http://purl.pt/25638>
- Portugal. Direcção Geral dos Trabalhos Geodésicos e Topográficos (1907). Carta de Portugal com a rede das estradas construídas até Maio de 1909 e com a divisão administrativa decretada até 1900. url: <http://purl.pt/22482>

O contributo da Cartografia Temática para a difusão do Turismo em Portugal: exemplos e apontamentos de leitura

- Pereira, Tavares (1907). Carta de Portugal com a rede ferroviária : principais termas e partes interessantes a visitar. url: <http://purl.pt/22214/2/>
- Sociedade de Propaganda de Portugal (1907). Mappa excursionista de Portugal. url: <http://purl.pt/22201/2/>
- Pereira, Tavares (1908). Carta das estancias thermo-minerais de Portugal. url: <http://purl.pt/22192>

* MARTINS, Luís Paulo; MARQUES, Helder; FERNANDES, Mário Gonçalves (2016), "O contributo da Cartografia Temática para a difusão do Turismo em Portugal: exemplos e apontamentos de leitura ", *Atas do VI Simpósio Luso-Brasileiro de Cartografia Histórica*, Porto, FLUP, pp. 267-274 (ISBN digital: 978-989-8648-56-3; <https://drive.google.com/drive/folders/0BwsJ4eeTvIPXcEVYSU9YM0FhWjA>).